

---

**Plataformização dos Itinerários de Memória no Baixo Amazonas:  
Reflexões Sobre os Modos Automatizados de Arquivar a Própria Vida a Partir do  
*Google Maps*<sup>1</sup>**

Cândida NOBRE<sup>2</sup>

Evandro Medeiros LAIA<sup>3</sup>

Marcelo Rodrigo da SILVA<sup>4</sup>

Marina MAGALHÃES<sup>5</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Universidade Federal de Ouro Preto, MG

Universidade Federal da Paraíba, PB

## RESUMO

Este relato discute a coleta, organização e disponibilização de dados dos itinerários em plataformas de geolocalização. Parte-se de experiências de deslocamento nas quais se tem como narrador-testemunha os dados estruturados e visualizados no *Google Maps* e das estratégias de recuperação desses registros. Conclui-se que o emaranhado composto por território, temporalidade, sujeitos, itinerário, dispositivos, infraestrutura de rede e interface como expressão do algoritmo convoca à elaboração de uma memória e de uma subjetividade híbrida marcadas por disputas e acomodações entre humanos e não-humanos em um campo geográfico também permeado por tensões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plataformização; *Google Maps*; Subjetividade híbrida.

## CORPO DO TEXTO

O objetivo deste trabalho é discutir os modos de coleta, organização e disponibilização de dados dos itinerários dos atores humanos em plataformas de geolocalização, em especial do *Google Maps*. Para tanto, convoca a proposição de Artières (1998) acerca dos arquivamentos da própria vida, atualizando a discussão para o atual contexto de plataformização (POELL, NIEBORG, VAN DJCK, 2020) e de sedimentação do capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2020), ao passo que discute as vias de comunicação e de transporte como parte fundamental da organização e formação social do Brasil (PRADO JÚNIOR, 2011).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Tecnologias e Culturas Digitais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2024.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Mídia (UFRN). Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, campus Parintins, email: candidanobre@ufam.edu.br

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ), Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da UFOP, email: evandro.medeiros@ufop.edu.br.

<sup>4</sup> Doutor em Estudos da Mídia (UFRN), Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, email: prof.marcelorodrigo@gmail.com

<sup>5</sup> Doutora em Ciências da Comunicação (Universidade Nova de Lisboa), Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, email: marinamagalhaes@msn.com.

---

A pesquisa parte de uma experiência na qual se tem como narrador-testemunha de um trajeto de carro e, em seguida, de *ferryboat* – que começa em João Pessoa-PB e culmina em Parintins-AM –, os dados estruturados e visualizados a partir do *Google Maps* e das estratégias de recuperação dessa linha do tempo permitidas pela plataforma. Esta etapa contribui para o reconhecimento das reconfigurações urbanas experimentadas no trajeto e como a relação entre viajantes, plataforma e território exige acomodações e negociações.

Em seguida, propõe-se uma reflexão especificamente da cidade de Parintins, uma ilha fluvial localizada na região do Baixo Amazonas, situada a 369 quilômetros da capital, Manaus. De acordo com Neves (2019), tal espaço e o seu entorno têm reconfigurado imaginários e sociabilidades diante das possibilidades de acesso à rede. Para esta análise, compreende-se que os modos como a vida, as urbanidades, a cultura e as particularidades do espaço da Amazônia, ao se relacionar com as malhas do digital, exigem novas formas de observar as dinâmicas de plataformização, em particular, quando estas plataformas e suas lógicas algorítmicas estão intrinsecamente relacionadas à geografia local.

As mídias locativas se apresentam como constituintes de territórios informacionais (LEMOS, 2010), de paisagens pós-urbanas que vão muito além dos limites da pólis, da esfera pública e do espaço político dos Estados (DI FELICE, 2020). A expansão da ideia de territorialidade impulsionada pela relação com as tecnologias digitais vem proporcionando um reordenamento na compreensão e na dimensão simbólica dos espaços, embaçando fronteiras, promovendo zonas cinzentas e fazendo erigir questões para o campo da Comunicação. Neste sentido, o que se observa é que se tais experiências de deslocamento por um lado têm como aporte o uso do *Google Maps* como instrumento para o planejamento e viabilização do percurso e, em segundo plano, como testemunha e narrador da trajetória, por outro, faz-se necessário questionar e tensionar as fissuras, limites e opacidades que esta mesma plataforma apresenta ao mapear o espaço em si, bem como as experiências e vivências de deslocamento possíveis.

Dentre as estratégias de manutenção da presença digital, do uso e participação dos indivíduos em um determinado serviço ou plataforma, a recuperação de registros se consolida como uma possibilidade em contextos diversos, assumindo um lugar significativo dos modelos de negócio que compreendem as dinâmicas de uma economia

da atenção. Seja em plataformas de redes sociais como o Facebook e o Instagram, em serviços de armazenamento de imagens como o Google Fotos ou de um sistema de visualização de mapas, estabelecimentos comerciais e auxílio na criação e navegação de rotas em espaços geolocalizados como o *Google Maps*, a oferta de devolução de registros de lembranças segundo uma lógica particular a cada plataforma tem cumprido a função de, em alguma medida, organizar o social e atribuir-lhe sentido (LATOURE, 1996), este negociado entre o serviço, os *inputs* que os atores humanos enviam e aqueles que recebem como mecanismo de rememoração (MORAES, 2021).

No caso do serviço *Google Maps*, o sistema oferece uma visualização do histórico de localização, seja por rotas que o indivíduo ativamente buscou na plataforma, seja por percursos realizados com o GPS ligado em um *smartphone* que possui o aplicativo instalado e manteve esta opção ativa. Com algumas alterações desde que o serviço foi ofertado, de maneira geral, mensalmente, é possível receber um e-mail com o itinerário daquele período, destacando-se os países, cidades e lugares visitados, os transportes utilizados e a distância percorrida em cada um deles e alguns dados gerais, desde o início da coleta de informações promovidas pela plataforma.

Uma parte significativa do campo geográfico em discussão revela que boa parte das experiências de mobilidade dos indivíduos se dá por meio dos fluxos dos rios. Estes, por sua vez, não são mapeados como deslocamentos possíveis nas malhas infocomunicacionais a priori, na medida em que o transporte fluvial desta região sequer aparece como sugestão de rota no *Google Maps*.

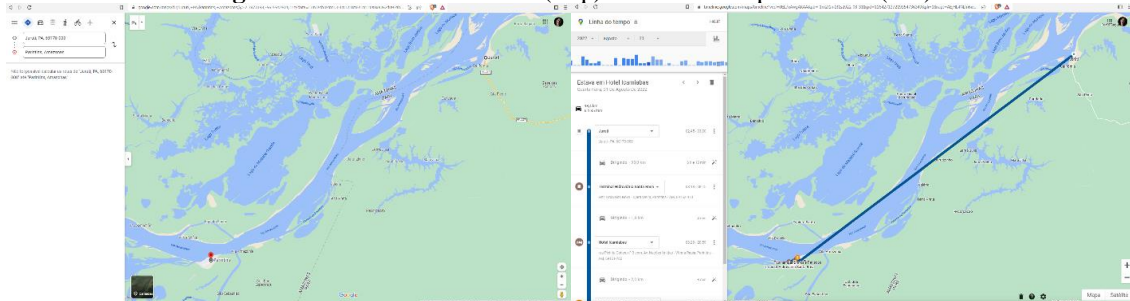
De fato, o mapeamento do rio Amazonas como “estrada líquida” (PRADO JÚNIOR, 2011) é um desafio devido ao seu aspecto dinâmico e mutável. À revelia dos interesses dos atores humanos, o Amazonas é um sujeito que se impõe e os períodos de cheia e de seca, bem como as movimentações de bancos de areia, impelem os navegantes a encontrar novos caminhos a cada estação. O que se pretende discutir é que, a atual ausência de tradução digital dos fluxos dos rios, de pessoas e de embarcações variadas, para o cenário amazônida, pode revelar uma grande margem de opacidade dos modos de existência de uma ampla, complexa e variada comunidade de ribeirinhos, beradeiros, sujeitos-floresta<sup>6</sup> que se compõem na relação com o rio e que, cada vez mais, possuem uma parte de sua experiência cotidiana conectada às redes sociodigitais.

---

<sup>6</sup> A expressão “sujeitos-floresta” aparece na obra de Eliane Brum (2021) e pretende demarcar que os indivíduos que vivem na região do Amazonas não são sujeitos *da* floresta, mas confundem-se e se

Para mencionar um exemplo, como é possível observar na figura 1, no lado esquerdo, abaixo da solicitação de cálculo de rota, há a mensagem de que “não foi possível calcular as rotas de Juruti-PA até Parintins, Amazonas”, ao passo que, no lado direito da figura, quando o trajeto é realizado por transporte fluvial, este deslocamento passa a ser visível na linha do tempo disponibilizada pelo aplicativo, ainda que com inconsistências de informações – destacando ser um percurso realizado por carro – e de visualidades – traçando uma linha reta entre um ponto e outro (no caso em questão, de Juruti-PA até Parintins-AM), desconsiderando o rio e suas reentrâncias.

**Figura 1** – Itinerário realizado (esq.) e solicitado à plataforma (dir.)



Fonte: Acervo dos autores (2023).

A questão, contudo, resvala não apenas nas assimetrias entre as experiências de registro permitidas pela mediação infocomunicacional e a vivida, mas propõe também uma reflexão acerca dos imaginários urbanos, especialmente quando estes não assumem a estrutura homogeneizadora material e simbólica que se tem como forma dominante. Conforme destacam Sathler, Monte-Mór e Carvalho (2009, p. 12),

Apesar de haver sido estruturada, em algumas porções da Amazônia Legal, uma hierarquia urbana aparentemente similar à das demais regiões, com centros regionais e locais claramente distinguíveis, os diversos níveis hierárquicos urbanos apresentam dinâmicas demográficas, socioeconômicas e espaciais distintas daquelas estabelecidas para as redes de cidades do Centro-Sul do País.

Diante de um contexto distinto, as estratégias dos grandes conglomerados não assumem o desafio de lidar com tais dinâmicas e possibilidades, embora se reconheçam outras iniciativas da mesma empresa que dialogam com o território. Acerca dos sistemas de mapeamento, é possível mencionar uma iniciativa do *Google Street View*

entrelaçam com ela a tal ponto que devem ser tratados neste imbricamento complexo no qual um não seria sem o outro.

---

em parceria com a Fundação Amazonas Sustentável, em 2012, que se propôs a coleta de imagens no percurso do rio<sup>7</sup>.

De igual modo, em 2017, a partir do *Google Earth*, a empresa produziu uma série de vídeos acerca das vivências das comunidades amazônicas e o potencial que a ferramenta teria para o mapeamento da cultura de um dado povo e território<sup>8</sup>. Ambos os exemplos, embora promovam um diálogo entre plataforma e território, assumem contextos pontuais e não se transformaram em serviço a ser utilizado cotidianamente, para auxiliar a compreensão dos deslocamentos e complexidades daquele território.

Neste sentido, sugere-se a necessidade de se pensar não apenas uma inserção dos sujeitos nos espaços já existentes na geografia dos grandes conglomerados, mas também a necessidade premente da elaboração de rearranjos e de plataformas que deem condições de narrar melhor esse espaço na vida ordinária, cotidiana, bem como as dinâmicas sociais existentes desses deslocamentos.

A precisão geolocal aliada a outros dados do itinerante e do itinerário constitui-se, para quem vive o trajeto, em um potente registro de vivência e uma possibilidade de escolha narrativa. Mesmo diante das imprecisões, o que se experiencia nos trajetos coletados é que há uma tessitura na visualização dos dados e na maneira de apresentá-los que torna a plataforma uma espécie de narrador-testemunha, capaz de descrever os eventos e o tempo com a precisão que finca ainda mais a experiência na “realidade”.

Interagentes humanos em associação com os dispositivos, os registros e arquivamentos de sua própria vida, a partir das estratégias das instituições empresariais, e essa relação indissociável entre os sujeitos conectados e os dados que o constituem nas malhas do digital conformam os datavíduos, cujas subjetividades moldam as experiências de plataformização e são também moldadas por elas.

A subjetividade híbrida opera precisamente no ponto em que a narrativa se expande e passam a ser tensionadas e acomodadas as memórias e lembranças do *Google Maps* e dos interagentes humanos. É, também, no interior dos silenciamentos, nas pausas entre um caminho e outro, entre percurso e outro, entre uma cidade e outra, nos soluços dos trajetos e seus embaraços que os rearranjos e as complexidades reverberam e se espraiam.

---

<sup>7</sup> Mais informações sobre o projeto estão disponíveis no endereço: <https://www.google.com/intl/pt-BR/maps/about/behind-the-scenes/streetview/treks/amazon/>

<sup>8</sup> Mais informações sobre o projeto estão disponíveis no endereço: <https://brasil.googleblog.com/2017/07/eu-sou-amazonia-descubra-sua-conexao.html>

## REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricos**, v.1, n.21. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso: 5 jun. 2018.
- BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtó**: uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras: 2021.
- DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.
- LATOURE, Bruno. Do humano nas técnicas [entrevistado por Ruth Scheps]. In: SCHEPS, Ruth (org.). **O imperio das técnicas**. Campinas, SP: Papyrus, 1996. pp.155-166.
- LEMOS, André. Você está aqui! Mídia locativa e teorias “materialidades da comunicação” e “ator-rede”. In: **Comunicação & Sociedade**, Ano 32, n. 54, p. 5-29, jul./dez. 2010. Disponível: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2221/2309>. Acesso: 17 jan. 2023.
- MORAES, Cândida Maria Nobre de Almeida. Reconstruções de si na cultura do algoritmo do Facebook. Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2021.
- NEVES, Soriany S. Wi-fi na Floresta: uma comunidade amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019.
- POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, Jose. Plataformização. In: **Revista Fronteiras**, n.22, v.1, p.2-10, Unisinos, jan-abr.2020. Disponível: <http://www.plataformacidaniadigital.com.br/special/design-plataformas-digitais>. Acesso: 10 ago. 2021.
- PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SATHLER, Douglas; MONTE-MÓR, Roberto L., CARVALHO, José Alberto Magno de. A rede para além dos rios: urbanização e desequilíbrios na Amazônia brasileira. In: **Nova Economia**, Belo Horizonte, n.19, pp. 11-39, jan-abr. 2009. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0103-63512009000100002>. Acesso: 17 jan. 2023.
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.